

Representações de hospitalidade e hostilidade no filme de animação Dragon Ball Z: A batalha dos deuses

Representations of hospitality and hostility in the animated film Dragon Ball Z: The battle of the gods

Representaciones de hospitalidad y hostilidad en la película animada Dragon Ball Z: La batalla de los dioses

Dionísio Almeida Brazo¹
Iasmim da Silva Leite²

Resumo: Este artigo discute as representações e práticas de hospitalidade e hostilidade no filme animado japonês *Dragon Ball Z: A Batalha dos Deuses* (2013). O filme narra a vinda de Bills, um Deus da Destruição e seu anjo assistente para a Terra em busca de um deus Super *Saiyajin*. Essa chegada inusitada suscita uma série de momentos de hospitalidade e hostilidade entre os personagens. Do ponto de vista metodológico, este trabalho caracteriza-se como exploratório e qualitativo, oriundo de um levantamento bibliográfico sobre a perspectiva da dádiva nos estudos de hospitalidade e sua aproximação com a hostilidade, e apoia-se nos princípios da análise da imagem, sobretudo, na semiótica – que permitiu desvelar os signos e suas possíveis representações no filme. A hospitalidade foi apresentada como ritual, desse modo desenvolveu-se de maneira complexa, pois os personagens nativos fizeram questão de demonstrar respeito e amizade, convidando os estrangeiros para uma festa privada, mesmo diante do potencial de destruição do visitante. No entanto, Bills permaneceu indiferente às convenções estabelecidas para a hospitalidade. A comida desempenha um papel crucial na relação, sendo uma dádiva oferecida ao estrangeiro. Quando esse ritual sacrificial foi quebrado, a hostilidade se instalou. Ressaltamos o aspecto subjetivo da hospitalidade na sociedade fictícia retratada no filme, simbolizado pelo próprio embate entre os personagens. A luta entre eles pode ser interpretada como uma forma de hospitalidade, em que a demonstração de poder e de habilidade representa uma maneira de receber e interagir com o visitante de forma única.

Palavras-chave: Hospitalidade, hostilidade, análise da imagem, cultura pop japonesa, Dragon Ball Z.

Abstract: This article discusses the representations and practices of hospitality and hostility in the Japanese animated film *Dragon Ball Z: Battle of Gods* (2013). The film chronicles the coming of the god of destruction and his assistant angel to Earth in search of a Super Saiyan god. This unusual arrival gives rise to a series of moments of hospitality and hostility between the characters. From a methodological perspective, this work is characterized as exploratory and qualitative, arising from a bibliographic survey on the perspective of the gift in hospitality studies and its approach to hostility, and is based on the principles of image analysis, especially in the semiotics, which allowed revealing the signs and their possible representations in the film. Hospitality was presented as a ritual, thus, it developed in a complex way, as the native characters insisted on showing respect and friendship, inviting foreigners to a private party, even in the face of the potential destruction of the visitor. However, Bills remained indifferent to established conventions for hospitality. Food plays a crucial role in the relationship, being a gift offered to the foreigner, in fact, when this sacrificial ritual was broken, hostility ensued. We emphasize the subjective aspect of hospitality in the fictional society portrayed in the film, symbolized by the very clash between the characters. The struggle between them can be interpreted as a form of hospitality, in which the demonstration of power and skill represents a unique way of receiving and interacting with the visitor.

Keywords: Hospitality, hostility, image analysis, japanese pop culture, Dragon Ball Z.

¹ Universidade Federal Fluminense – UFF. E-mail: dionisioalmeida@id.uff.br

² Universidade Federal Fluminense – UFF. E-mail: iasmimleite@id.uff.br

Resumen: Este artículo discute las representaciones y prácticas de hospitalidad y hostilidad en la película animada japonesa *Dragon Ball Z: Battle of Gods* (2013). La película narra la llegada del dios de la destrucción y su ángel asistente a la Tierra en busca de un dios Super *Saiyajin*. Esta llegada inesperada suscita una serie de momentos de hospitalidad y hostilidad entre los personajes. Desde el punto de vista metodológico, este trabajo se caracteriza como exploratorio y cualitativo, surgido de una revisión bibliográfica sobre la perspectiva del don en los estudios de hospitalidad y su aproximación con la hostilidad, y se apoya en los principios del análisis de la imagen, especialmente en la semiótica, que permitió desvelar los signos y sus posibles representaciones en la película. La hospitalidad se presentó como un ritual, por lo tanto, se desarrolló de manera compleja, ya que los personajes nativos demostraron respeto y amistad, invitando a los extranjeros a una fiesta privada, incluso frente al potencial de destrucción del visitante. Sin embargo, Bills permaneció indiferente a las convenciones establecidas para la hospitalidad. La comida desempeñó un papel crucial en la relación, siendo una ofrenda ofrecida al extranjero, en efecto, cuando este ritual sacrificial fue quebrantado, la hostilidad se instaló. Resaltamos el aspecto subjetivo de la hospitalidad en la sociedad ficticia retratada en la película, simbolizado por el propio enfrentamiento entre los personajes. La lucha entre ellos puede ser interpretada como una forma de hospitalidad, en la que la demostración de poder y habilidad representa una manera de recibir e interactuar con el visitante de forma única.

Palabras clave: Hospitalidad, hostilidad, análisis de imagen, cultura pop japonesa, *Dragon Ball Z*

1 Introdução

Dragon Ball Z: A Batalha dos Deuses, filme lançado em 2013, foi produzido pela Toei Animation e faz parte da franquia *Dragon Ball*. A história foi criada por Akira Toriyama, em 1984 – inicialmente em formato de histórias em quadrinhos (mangá) –, e marca o início de novas produções de animação para televisão (animê) após 16 anos de hiato.

O filme animado acompanha a trajetória de Goku, descendente de uma raça alienígena fictícia chamada *Saiyajin*, que, após ter seu planeta natal, o planeta Vegeta, destruído por Freeza (um dos principais vilões da série), é enviado em uma cápsula à Terra, onde vive desde criança (o início da história faz alusão ao personagem Super-Homem, da *DC Comics*).

Na Terra, Goku é criado por Gohan, que se torna o seu avô adotivo e o ensina as artes marciais. Ao longo das produções, o personagem faz amigos e companheiros de aventuras e, até mesmo, inimigos que ameaçam a Terra, como Vegeta (príncipe dos *Saiyajins*) e Majin Boo, tornam-se aliados na defesa do planeta.

A animação apresenta vários momentos nostálgicos para os fãs da franquia ao exibir mais uma das aventuras de *Goku* e seus companheiros. A trama explora a vinda de Bills, Deus da Destruição, e seu ajudante Whis para o planeta Terra em busca do deus super *Saiyajin*. Ao chegar, o encontro de Bills com os guerreiros da Terra, em especial com Goku e Vegeta (protagonistas da série), é permeado por momentos que podemos entender como hospitaleiros e hostis. No entanto, o limiar dessa relação é muito delicado, fazendo com que seja preciso complexificar para entendê-lo.

A hospitalidade, enquanto um fenômeno sociocultural, é suscetível a mudanças em sua percepção e atuação; e pode ser compreendida pela perspectiva das relações construídas histórica e culturalmente. Os códigos e normas morais circunscritos a contextos históricos e territórios diversos, em que os atores sociais estão inseridos, incidem diretamente em novas formas de se relacionar com os visitantes. Nesse sentido, este artigo buscou discutir as representações e as práticas de hospitalidade entre os personagens da Terra, os anfitriões e os visitantes, o Deus da Destruição e seu assistente.

O objeto em questão nos levou a realizar um debate teórico presente no nosso referencial sobre a abertura ao outro, um processo que vai além da tolerância (Voltaire, 2000 & Kant, 2017), visando a construção de uma ética da alteridade (Lévinas, 2005). Em seguida, discutiremos as dimensões da hospitalidade como um ritual que se inicia por meio de uma dádiva, conforme proposto por Mauss (2003). Além disso, exploraremos as relações e divergências desse conceito em relação à hostilidade, presentes em Derrida (2003), e, de modo implícito, em Gotman (2013).

Este trabalho caracteriza-se como exploratório, de abordagem qualitativa, feito a partir do levantamento bibliográfico dos temas discutidos. Além disso, realizou-se uma pesquisa com ênfase na análise de imagens extraídas da produção cinematográfica, baseada na semiótica apresentada por Joly (2012), em busca de representações de hospitalidade ou hostilidade – assunto que será desenvolvido com maior profundidade na seção referente à metodologia.

As reflexões deste trabalho são um diálogo entre a hospitalidade e os estudos culturais, a partir de um esforço multidisciplinar com o objetivo de preencher uma lacuna existente nos estudos de hospitalidade de duas maneiras distintas. Por um lado, observa-se a baixa utilização das metodologias de análise de imagem no campo do Turismo, como demonstrou o estudo bibliométrico realizado por Godoy e Leite (2019). Dentre os artigos analisados pelas autoras, os trabalhos que utilizaram de alguma metodologia de análise da imagem, em um recorte temporal de cinco anos – a saber, de 2012 a 2017 –, representam apenas 40 artigos, dentro de um universo pesquisado em 26 periódicos. Para a produção desta pesquisa, quando analisada particularmente a Revista de Hospitalidade, periódico central para este tipo de discussão, apenas dois artigos foram encontrados. Por outro lado, utilizando as palavras-chave "cinema", "audiovisual" e "filme", no mecanismo de busca interno da revista, observamos também a escassez na produção

de reflexões pautadas em composições cinematográficas, sendo ainda mais evidente quando se trata das animações.

2 Da dádiva à hostilidade: a hospitalidade por um espectro multidisciplinar

Voltaire (2000), em *Tratado sobre a tolerância*, nos propõe uma reflexão sobre o exercício de aceitação para com o outro na perspectiva da tolerância. O filósofo iluminista escreve no contexto histórico de intolerância religiosa na França do século XVII, momento em que buscava a defesa das liberdades civis e se consolidava como crítico aos dogmas da Igreja Católica. Nesse cenário, Voltaire afirma que o ato de se abrir para aquele que é diferente do “eu”, isto é, ser tolerante, “nunca provocou uma guerra civil; a intolerância [pelo contrário] cobriu a terra de carnificinas” (Voltaire, 2000, p. 37). A tolerância, portanto, implicava em aceitar sujeitos pertencentes a outras crenças religiosas, de modo a tornar a convivência, entre os homens, pacífica, promovendo certo sentido de unidade social e coletividade.

Em defesa ao “direito da liberdade religiosa”, Voltaire assinala que a tolerância “é o apanágio da humanidade” (Voltaire, 2008, p. 469) e, desse modo, consistiria em permitir que os indivíduos pudessem exprimir suas opiniões e crenças, mesmo que não concordassem com determinada posição. Assim, devemos nos colocar em alerta sobre os limites entre a tolerância e a hospitalidade.

O encontro com o outro, em determinadas cenas cotidianas, está para além de um movimento de tolerância, sobretudo, quando este outro é diferente do “eu” – aqui, tomamos emprestada a teoria de Emmanuel Lévinas, em *Ética da Alteridade* (2005). Como receber esse indivíduo portador dessa diferença? A tolerância, nesse caso, se apresenta como insuficiente, pois a aceitação, tão somente, não basta para o acolhimento à existência do outro; nessa sempre estará pressuposta uma limitação.

Em *À Paz Perpétua*, de Kant (2017), no contexto da cosmopolítica, o filósofo alemão aponta a hospitalidade como um elemento capaz de auxiliar a promoção e a manutenção da paz entre os indivíduos. No entanto, na teoria *kantiana*, evidencia-se o aporte jurídico como um instrumento regulador dos encontros sociais aos quais os indivíduos precisam se submeter a fim de serem acolhidos. Se o outro não ameaça a existência e segurança do “eu”, deveria, por uma obrigação moral, ser bem recebido e acolhido.

Immanuel Kant (2017) compreende, no âmago da teoria do Direito Internacional, que todos os indivíduos são cidadãos do mundo e, portanto, devem ser bem recebidos em qualquer território. Contudo, há, pois, uma condicionalidade para o recebimento do outro – é preciso saber o nome, a origem e, assim, se a presença do estrangeiro se configura como potencial ameaça. Quando pensamos no âmbito doméstico, a condição se faz fundamental para alguns grupos – quem eu deixo entrar em minha casa? –, as regras são explicitadas pelo anfitrião ao hóspede.

No bojo dessa discussão, inclinamo-nos, ainda, a pensar a hospitalidade numa perspectiva mais ampla. Nesse sentido, a ética da alteridade, proposta por Lévinas (2005) tece argumentos filosóficos no campo da sensibilidade humana sobre a responsabilidade que um indivíduo possui com o outro. Para o filósofo, a tomada de consciência de que o contato com o outro permite a complexa existência do “eu-individual” é a chave para que possamos compreender o infinito que o outro traz consigo. Desse modo, utilizando-se da tese do “rostos”, Lévinas nos indica que devemos acolher o infinito de certezas e incertezas que o rosto do outro nos apresenta (Marcelino & Camargo, 2017). Assim, independentemente de onde os sujeitos estão localizados no mundo, quando o outro bate à porta, é preciso deixá-lo entrar.

Com efeito, ressaltamos que o pressuposto formulado por Emmanuel Lévinas não apresenta uma abertura em relação ao outro com caráter de obrigação social, mas sim ético; existimos neste mundo, pois o outro também existe. Somente isso permite nossa existência, sendo o homem um animal político, como nos conta Aristóteles.

Em uma rápida busca em dicionários, ou se deixarmos-nos atentar ao sentido atribuído à palavra “hospitalidade” pelo senso comum, notaríamos uma associação natural ao conceito de boa acolhida – receber alguém em casa. Destacaríamos, ainda, finalidades comerciais, como a hotelaria ou a oferta de alimentos e bebidas. Em face do Turismo, poderíamos verificar noções de hospitalidade a partir do imaginário – nem sempre confirmado –, por exemplo, que ronda o povo brasileiro, denotando o Brasil como “o país da hospitalidade”.

Essa perspectiva atribuída pelo senso comum e consolidada por um marketing turístico se relaciona a uma ideia de amabilidade e desburocratização das relações entre sujeitos desconhecidos, tornando mais íntimo aquele que é, em verdade, um forasteiro. No entanto, Marcelino e Camargo (2017) nos alertam sobre os perigos de realizarmos análises reducionistas e superficiais a respeito do tema. Para tanto, devemos desempenhar um esforço teórico para

entender a hospitalidade em uma perspectiva transversal e multidisciplinar, movimento que nos permite compreender nuances que estão no campo e, às vezes, parecem estar invisíveis e indizíveis.

A hospitalidade se constitui como um fenômeno, isto é, um objeto central de debates fomentados por diferentes autores de múltiplas áreas do saber. Optamos neste artigo, portanto, apoiar-nos em referenciais teóricos dos campos das Ciências Sociais e da Filosofia e tangenciar conceitos que nos servem para compreender as relações que se desenvolvem entre os personagens do filme *Dragon Ball Z: A Batalha dos Deuses*. O que se propôs neste trabalho foi evidenciar como podemos articular um diálogo teórico com abordagens que, *a priori*, parecem opostos, mas se complementam.

2.1 Os modos de ser hospitaleiro e hostil: perspectivas sobre a teoria maussiana e derridariana

Em seu livro basilar nos estudos de hospitalidade no Brasil, Camargo (2005) distingue duas vertentes teóricas de hospitalidade: a americana e a francesa. A primeira tem forte relação com trocas comerciais entre empresas/instituições e clientes, enquanto a segunda pauta-se na teoria da dádiva maussiana – a qual optamos por seguir nesta análise.

No contexto das “sociedades primitivas”, Marcel Mauss (2003), em *Ensaio sobre a Dádiva*, redigiu reflexões sobre o regime do direito contratual e o sistema de prestações econômicas com base em “atividades de troca”, o *potlatch*, cunhando o termo “fato social total”. A expressão nos oferece um novo olhar a respeito do conjunto de fatos complexos que compõem a sociedade. Nas palavras do autor:

Existe aí um enorme conjunto de fatos. E fatos que são muito complexos. Neles, tudo se mistura, tudo o que constitui a vida propriamente social das sociedades que precederam as nossas [...]. Nesses fenômenos sociais “totais”, como nos propomos chamá-los, exprimem-se, de uma só vez, as mais diversas instituições: religiosas, jurídicas e morais - estas sendo políticas e familiares ao mesmo tempo -; econômicas - estas supondo formas particulares da produção e do consumo, ou melhor, do fornecimento e da distribuição -; sem contar os fenômenos estéticos em que resultam esses fatos e os fenômenos morfológicos que essas instituições manifestam (Mauss, 2003, p. 187).

Marcel Mauss (2003) utiliza a concepção da “dádiva” imbricada ao conceito de fato social total, isto posto, há uma constatação – a partir da observação de diferentes culturas (Polinésia, Melanésia e o noroeste americano) – da existência de um princípio moral, ético, político e econômico que regula o sistema de trocas, o denominado sistema de dádiva.

O autor verifica que a troca se configura como um jogo coletivo e não individual, instituído por uma obrigação implícita na tríade “dar, receber e retribuir”. Os câmbios não se constituem como “meras trocas”, mas trazem consigo dimensões morais e relacionais, que promovem a comunhão dos grupos, extrapolando a dimensão econômica. Cumpre ressaltar que os objetos das trocas nem sempre são tangíveis, ou “úteis”, no cotidiano dos nativos – tal como as trocas de colares efetuadas no *Kula*, descrito por Malinowski (1998) em *Argonautas do Pacífico Ocidental*. De acordo com Marcel Mauss (2003), os indivíduos “trocam [...], antes de tudo, amabilidades, banquetes, ritos, serviços militares, mulheres, crianças, danças, festas [...]” (Mauss, 2003, p. 191), ou seja, de um modo geral, bens que estão sempre incluídos em uma dinâmica: entregar um dom a alguém e receber a “dádiva” doada por outrem. Contudo, o ciclo não se encerra aí, pois o recebimento implica em uma troca invisível: o caráter implícito da obrigação, que pressupõe a retribuição.

É fundamental compreender o porquê da necessidade da retribuição. Assim, Marcel Mauss (2003) destaca e discute a forma de prestação total em duas comunidades do noroeste americano, os *Tlingit* e os *Haïda*, chamada de *potlatch* – que significa “nutrir”, “consumir” (Mauss, 2003, p. 191). No *potlatch*, assim como em outras sociedades da Polinésia, há um caráter espiritual/mágico nas trocas, isto é, dentro de cada indivíduo habita certa energia espiritual potente que é transposta para o objeto doado, evocando “a alma” dentro desse elemento (*mana/hau*). Quando o indivíduo doa um objeto a outro semelhante, está o presenteando não somente com o objeto tangível, mas também com sua força; isso cria um vínculo espiritual e, nesse caso, para que o doador, detentor do prestígio pela doação feita, resguarde seu “*mana/hau*” e mantenha sua integridade espiritual.

O conceito de *hau maori* discutido por Mauss (2003) evidencia o caráter transitório das trocas de dádivas. O *hau*, assim como o *mana*, se configura como a alma do doador, ou a força deste que é transposta para o objeto a partir do momento em que esse é doado. Tal força impulsiona e fomenta o ciclo que contempla a tríade elaborada por Mauss (2003), dado que um bem presenteado há de voltar para o doador. O autor também se refere às trocas efetuadas com seres místicos, sabendo que o sistema de dádivas se constitui como um fato social total e, portanto, está vinculado a dimensões religiosas e ritualísticas. Os membros das sociedades destacadas pelo autor exercitavam trocas com deuses.

Nesse sentido, o antropólogo evidencia que posições hierárquicas surgem a partir das doações; no sistema de dádivas, o doador se torna detentor da honra e do prestígio. Assim, Mauss afirma que “[...] Se coisas são dadas e retribuídas, é porque se dão e se retribuem ‘respeitos’ – podemos dizer igualmente, ‘cortesias’. *Mas é também porque as pessoas se dão ao dar, e, se as pessoas se dão, é porque se ‘devem’ – elas e seus bens – aos outros* (Mauss, 2003, p. 263, grifo nosso). Para o autor, as dádivas não devem ser reduzidas a simples trocas, pois o indivíduo doa a si mesmo quando oferece algo ao outro e, como sinalizado anteriormente, na materialidade passa a habitar um caráter intangível oriundo de uma perspectiva espiritual. A doação, ainda, implica em sacrifício e na inauguração da espera de uma voluntária – e obrigatória – reciprocidade.

Para Mauss (2003), aquele que possui a iniciativa de ser o “doador” adquire prestígio e se coloca em um patamar “superior” em relação àquele que “recebe”, em um contexto de construção de poder. Outro aspecto central aborda o laço que se constrói entre essas almas – de quem dá e quem recebe —, gerando a obrigação de finalização do ciclo “dar-receber-retribuir”.

Mauss (2003) evidencia um afastamento entre a cultura europeia e as sociedades descritas em sua obra. Nesse cenário, aponta que os grupos “analisados” eram “[...] menos tristes, menos sérios, menos avarentos e menos pessoais do que somos [...] eles eram ou são mais generosos, mais dadivosos que nós” (Mauss, 2003, p. 312). Os clãs que se encontram com outros clãs próximos geograficamente fazem uso de uma “lei de hospitalidade”. Essa, por sua vez, se desenvolveu de modo controverso, pois, ao passo que se configurou como uma lei de acolhimento, de generosidade e de trocas – numa perspectiva mais ampla, tal como promovem as trocas turísticas –, também resgatava atitudes hostis para com os visitantes. É preciso pôr de lado os instintos hostis e “confiar inteiramente ou desconfiar inteiramente” (Mauss, 2003, p. 312), abrindo espaço para dar e retribuir.

Mauss (2003) compreende que as sociedades “progrediram” a partir do momento em que, por elas mesmas, iniciaram o processo de dar, receber e retribuir como força de estabilização das suas relações, afastando-se de um estado de violência. O autor indica ainda que, mesmo em nível individual, “as pessoas souberam criar e satisfazer interesses mútuos e, [...], defendê-los sem precisar recorrer às armas” (Mauss, 2003, p. 313).

Com efeito, a dádiva, nesse regime apontado pelo autor, de prestações e contraprestações de trocas, voluntária e, *a priori*, livre de “obrigações”, possui um caráter complexo e multidisciplinar, impactando os campos da moral, da política e da economia, tal como um fato social total.

No discurso acadêmico brasileiro, os debates sobre hospitalidade têm sido apoiados, sobretudo, nos estudos franceses, que contemplam as visões socioantropológicas e filosóficas, como indica Camargo (2008). Nesse sentido, a partir de Mauss, Camargo (2005, pp. 17-18) aponta que

A noção de ser hospitaleiro como um conjunto de leis não escritas que regulam um rito social e cuja observância não se limita aos usos e costumes das sociedades ditas arcaicas ou primitivas. Continuaram a operar e até hoje se exprimem com toda força nas sociedades contemporâneas.

As leis a que o autor se refere são desdobramentos da dinâmica dar-receber-retribuir. São elas, ao todo, seis: 1) a hospitalidade é uma dádiva, deve ser oferecida sem exigir contrapartidas, criando um vínculo social; 2) a dádiva implica em sacrifício, sendo este um componente essencial na relação. Deve-se sacrificar algo em favor do bem-estar do visitante; 3) todo ato de hospitalidade subjaz um interesse; 4) toda dádiva deve ser recebida e aceita. A sua não aceitação poderá desencadear momentos de hostilidade; 5) receber implica estar em uma posição de inferioridade em relação ao doador, estando sempre em débito com o anfitrião; e 6) quem recebeu o dom, deve retribuir para restaurar o processo de dádiva e mostrar gratidão. A partir disso, podemos compreender que o ato da hospitalidade acontece em processos de troca, nos encontros de alteridade com o outro, podendo resultar em um ato encenado ou genuíno.

Já Gotman (2013) entende a hospitalidade como um ato que não se deve limitar às regras e que, corroborando com Mauss (2003), pressupõe um sacrifício. De acordo com a autora, “as leis da hospitalidade não se adaptam bem com a noção de igualdade porque comportam a desigualdade, assimetria entre um que é o dono da casa e o outro que não está em casa” (Gotman, 2013, p. 151). Em decorrência disso, a autora aponta para os conceitos de alteridade e ética na hospitalidade de Lévinas (2005), na qual o sujeito deve se abrir ao outro, acolher o outro, mesmo quando, inicialmente, o estrangeiro é percebido como um inimigo.

Em ambos os autores, a hostilidade se faz de modo implícito. No contexto da dádiva, momentos hostis se traduzem na quebra do ritual da dádiva, mesmo que haja variações culturais e temporais. De acordo com Camargo (2015), apoiado nos escritos de Jacques Derrida, a

hospitalidade e a hostilidade possuem a mesma raiz etimológica, sugerindo que são duas partes de um mesmo fenômeno.

Para Derrida (2003) – autor ligado à teoria da hospitalidade incondicional, ou seja, o modo de acolhimento que não implica em regras ou normas morais/jurídicas para o acolhimento do outro –, nem sequer é necessário saber sua identidade; a hostilidade está implícita no cerne da hospitalidade. Há, nesse contexto, uma dualidade, pois o hóspede, ao mesmo tempo que pode exercer a alteridade no anfitrião, pode ser uma ameaça constante a quem o recebe.

Passamos assim à tentativa de compreensão dos interstícios de hospitalidade ou hostilidade encontrados em cenas do filme *Dragon Ball Z: a Batalha dos Deuses*. Utilizamos, portanto, a perspectiva da dádiva tecida por Mauss (2003) e vinculada à questão da hospitalidade por Camargo (2005) junto ao referencial filosófico de hostilidade, pelo viés teórico de Jacques Derrida (2003).

À primeira vista, mesclar teorias com pressupostos diferentes no que tange a condicionalidade ou incondicionalidade do fenômeno pode parecer incomum dentro da perspectiva do audiovisual, porém, para nós, é fundamental compreender as dinâmicas tecidas no filme de animação que se dão a partir do ritual de acolhida dos personagens estrangeiros e suscitam momentos de hospitalidade e hostilidade. Nesse contexto, Brusadin e Panosso Netto (2017), sob a luz da teoria bourdiana, elucidam a inseparabilidade entre a teoria e a metodologia, de modo que a “teoria da dádiva” apresenta-se como uma reação aos paradigmas utilitaristas e/ou aos modelos individualistas metodológicos e holísticos (Caillé, 1998).

A dádiva provoca uma nova interpretação da sociedade em que perpassam elementos como a espontaneidade, a solidariedade, a não expectativa por retribuição e a liberdade. Esse paradigma vislumbra uma dimensão simbólica das trocas de bens materiais e imateriais, já apontada por Mauss (2003), que compreendia a sociedade e o indivíduo como produtos de relações e inter-relações intermediadas pelas trocas voluntárias e obrigatórias. Nas palavras de Alain Caillé (1998, p. 9), “[...] não há dádiva que não exceda, por sua dimensão simbólica, a dimensão utilitária e funcional dos bens e serviços”. Assim, nos propomos a discutir ante a obra fílmica, relações entre personagens animados pelo viés de um paradigma de caráter complexo, simbólico e político, ainda em constante discussão.

3 Apontamentos metodológicos

Do ponto de vista metodológico, este estudo caracteriza-se como exploratório e de natureza qualitativa, em que foram realizadas uma pesquisa bibliográfica e uma análise da imagem de partes do filme que evidenciaram indícios de práticas de hospitalidade e hostilidade por meio de signos imagéticos.

A natureza exploratória corresponde à nossa busca em “[...] proporcionar visão geral, de tipo aproximativo, acerca de determinado fato” (Gil, 2008, p. 27), o qual é pouco discutido, tornando-se difícil uma delimitação mais precisa. Em decorrência disso, a pesquisa bibliográfica fornece aos pesquisadores uma cobertura ampla sobre os temas aqui estudados, auxiliando no desenvolvimento de um novo conhecimento.

Em relação à análise da imagem, seguimos os estudos da semiótica de Joly (2012). A autora explica que não há um método absoluto para se fazer uma análise da imagem, pois ela deverá servir aos objetivos da pesquisa e, por isso, poderá sofrer alterações nos passos metodológicos, como foi o caso do nosso estudo, que será pontuado mais adiante.

Neste ponto cabe resgatar que o objetivo do presente estudo é discutir sobre as representações e práticas de hospitalidade e hostilidade no filme de animação *Dragon Ball Z: A Batalha dos Deuses*. Seguindo a orientação de Joly (2012), reconhecemos a importância de incorporar outras ferramentas ao processo de análise. Assim, utilizaremos as teorias relacionadas à hospitalidade para estudar as imagens. Por meio da semiótica, consideraremos o modo como essas imagens produzem significados e interpretações (Joly, 2012). As imagens, enquanto signos codificados, têm o poder de estimular ideias e interpretações naqueles que as percebem. Portanto, estamos diante de um processo reflexivo que visa compreender, descrever e contextualizar a imagem sob a perspectiva da hospitalidade.

Outro aspecto relevante a considerar é que compreendemos o filme como uma sucessão de imagens em movimento, dispostas em sequência e reproduzidas em uma determinada velocidade para criar dinamicidade. Essa perspectiva não invalida a nossa metodologia; pelo contrário, auxilia-nos a obter uma compreensão mais abrangente, pois essas imagens em movimento têm a capacidade de contar uma história. Como explica Joly (2012, p. 119),

É impossível contar uma história em uma só imagem, enquanto à imagem em sequência (fixo ou animada) se proporcionou os meios de construir narrativas com suas relações

temporais e causais. A fotonovela, as histórias em quadrinhos e os filmes podem contar histórias; a imagem única e fixa, não.

Essa reflexão nos levou a reconsiderar nosso desenho metodológico. Inicialmente, desenvolvemos um quadro para a análise dos indícios de hospitalidade e hostilidade, seguindo uma abordagem similar à realizada por Leite (2016). Entretanto, constatamos a limitação de encaixar as imagens nas categorias de "tempos" e "espaços", devido à narrativa do filme. Por exemplo, a categoria "hospedar", à qual Camargo (2005) se refere, está intrinsecamente ligada a todas as outras categorias, tornando difícil uma categorização independente em relação às cenas do filme. Consequentemente, reconhecemos que não seria suficiente restringir-nos apenas a esses elementos.

Essa decisão se pauta também na própria argumentação do autor feita em um estudo posterior. Para Camargo (2015), essas categorias servem apenas como chave de acesso inicial, não funcionando como descrição de fenômenos sociais em sua amplitude. É com essa perspectiva que utilizamos as categorias mencionadas anteriormente: como uma chave de acesso, um ponto de partida, que nos permitiu aprofundar o conhecimento para, posteriormente, abrir novas perspectivas de pesquisa – mencionadas na conclusão deste trabalho.

Além disso, assim como Alain Caillé (1998) e Camargo (2005), apostamos na potência da construção maussiana sobre a dádiva como uma nova ótica de se pensar a lógica das trocas simbólicas, dos laços sociais e do jogo de prestações e contraprestações que dão significado à produção e circulação de bens materiais e/ou imateriais. Na perspectiva de Caillé (1998), fundador do *Movimento Antiutilitarista nas Ciências Sociais* (M.A.U.S.S), e de outros sociólogos e antropólogos, como Jacques Godbout, a dádiva pode e deve ser compreendida como um novo paradigma das Ciências Sociais, capaz de oferecer o arcabouço necessário para a interpretação das trocas na sociedade contemporânea para além de um olhar puramente economicista ou totalitarista.

De acordo com Caillé, de modo geral, podemos denominar paradigma "um modo generalizado e mais ou menos inconscientemente compartilhado de questionar a realidade social histórica e de conceber respostas para essas questões" (Caillé, 1998, p. 13). Nesse contexto, funda-se o paradigma da dádiva como uma nova via que se opõe aos paradigmas tradicionais: o individualismo metodológico e o holismo e, também, como uma crítica ao utilitarismo. Desse modo, a dádiva como paradigma permite o entendimento acerca do campo

relacional no qual o ser humano está inserido, dado que esta se configura como um instrumento simbólico, um *fato social total* e não mais como apenas um fato social, como postulado por Émile Durkheim (2007).

Salientamos que “as análises são feitas a partir da identificação de cenas em que a hospitalidade é evidenciada, sendo assim uma amostragem intencional” (Andrade, 2013, p. 241). Dessa forma, o processo de escolha das 12 imagens analisadas, que seguiram a ordem em que aparecem no filme, obedeceu à seguinte sistematização: 1) assistir ao filme; 2) discussão entre os autores sobre o filme; 3) assistir novamente com olhar voltado para o objetivo deste texto; 4) seleção das cenas para análise – para isso, nos concentramos em um grupo específico de personagens, os protagonistas do filme, estando incluídos, como anfitriões, Goku, Vegeta, Bulma e Majin Boo, e, como visitantes, Bills (o Deus da Destruição) e Whis (uma espécie de anjo assistente); 5) organização do material; 6) interpretação e análise das cenas; e 7) elaboração do texto.

Por fim, consideramos o filme como um produto cultural, o que significa afirmar que,

[A] comunicação travada entre as narrativas fílmicas e seus espectadores só é possível porque estas duas instâncias partilham um amplo mundo de significados comuns. As práticas filmicamente encenadas são reconhecidas e fazem sentido porque dizem respeito a um conflitante conjunto de valores preexistentes que articulam a multiplicidade de formas de ser e estar no mundo característica da dinâmica social (Carvalho & Sant’Anna, 2013, pp. 232-233).

Em concordância com os autores citados acima, nos baseamos na teoria da narrativa de Paul Ricoeur (1994). O autor reinterpreta a ideia de mimese de Aristóteles ao compreender a narrativa como articuladora do fazer poético – o que na noção aristotélica seria ocupado pela mimese (Carvalho & Sant’Anna, 2013). Essa compreensão evidencia o produto cultural em sua complexidade, não limitando o seu texto apenas por suas questões técnicas e estéticas, mas também apresentando uma visão sobre a realidade social, aspecto que será aprofundado a seguir.

4 A hospitalidade e hostilidade em *Dragon Ball Z: A Batalha Dos Deuses*

Dragon Ball Z: A Batalha dos Deuses é um produto cinematográfico da franquia *Dragon Ball* que traz os personagens já conhecidos pelos fãs da animação em uma nova aventura em que uma divindade chega ao planeta Terra em busca de um deus super *Saiyajin*.

Essa divindade chamada de Bills (ou Beerus), até então desconhecida pelos personagens da franquia, é apresentada como um Deus da Destruição, responsável por manter o equilíbrio do universo em que a Terra está inserida. Anos antes da sua chegada ao planeta, o Peixe do Oráculo (uma espécie de vidente) contou a Bills que um poderoso arqui-inimigo, um deus super *Saiyajin*, apareceria para enfrentá-lo. Enquanto dormia, o Deus ordenou a Freeza que destruísse o planeta Vegeta, um planeta de guerreiros *Saiyajins*. Ao acordar, Bills conta a Whis, seu anjo assistente e treinador, que teve uma premonição sobre a aparição desse guerreiro e vai confirmar a informação com o Peixe do Oráculo.

Ao mesmo tempo, o Senhor Kaioh do Norte, um deus de alto nível responsável por observar o quadrante da Galáxia em que a Terra está localizada, o Velho Kaioshin e Kibitoshin (ambos deuses nível Kaioshin, um acima dos deuses Kaiohs, responsável pelo Outro Mundo e também pela galáxia) conversam apreensivamente sobre o despertar de Bills.

Sobre esse ponto, cabe destacar que a produção combina elementos de matrizes religiosas diversas. Por exemplo, os Kaiohs e Kaioshins são baseados nos deuses que vigiam as direções cardinais no hinduísmo e no budismo. Já a aproximação com o xintoísmo, como explicou Mínguez-Lopez (2014), fica por conta de a produção ter uma série de outros deuses, no céu e na terra, que são adorados, além de manter a relação entre humanos e *kami* (deus que pode ser um fenômeno da natureza, um ancestral, entre outros) convivendo em harmonia. O autor explica que:

O sistema de valores, mitos e moral das principais religiões do Japão oferece uma estrutura que é radicalmente diferente da judaico-cristã a que estamos acostumados, que muitas vezes cria confusão ou má interpretação do produto visual. Mas também, o material folclórico oriental origina-se de modelos diferentes daqueles do Ocidente (Mínguez-Lopez, 2014, p. 44, tradução nossa³)

A inclusão de diferentes elementos religiosos também deve ser destacada pela ótica da hospitalidade, tendo em vista que Montandon (1999) nos aponta para o caráter sagrado do fenômeno e, conseqüentemente, do hóspede como o outro que nos interpela a partir da alteridade latente; assim como no mito de *Báucis e Filêmon*, em que a boa acolhida resulta em recompensa e a hostilidade em punição. As religiões, de uma forma complexa e ampla, nos indicam a solidariedade, o acolhimento como uma chave importante para construção da humanidade.

³ “The system of values, myths and morals of the major religions in Japan offers a framework that is radically different from the Judeo-Christian one that we are used to, which often creates confusion or misreading of the visual product. But also, Eastern folkloric material stems from different models from those of the West.” (Mínguez-Lopez, 2014, p. 44)

Whis, com seu báculo mágico, rastreia onde estão os *Saiyajins* sobreviventes e descobre que cinco deles estão na Terra. No entanto, Goku, que derrotou Freeza, encontrava-se no mundo do Senhor Kaioh, despertando a curiosidade de Bills, e o fazendo ir ao seu planeta antes da Terra (Figura 1). O Senhor Kaioh sente a presença do Deus da Destruição se aproximando, entra em pânico e pede para que Goku não faça nada que possa aborrecê-lo.

Figura 1 - Goku, à esquerda, junto com Senhor Kaioh (centro), conhece Bills (de costas) e Whis.



Fonte: Captura de tela do filme de animação *Dragon Ball Z: A Batalha dos Deuses* (2013).

Notamos, a partir da imagem acima, que, no primeiro encontro entre Goku e Bills, é feita uma reverência ao deus, um sinal de respeito e saudação comum utilizado entre os japoneses. Há de se notar ainda que o ângulo da inclinação corresponde a um tipo de situação de alta formalidade, reservada a líderes de estado, príncipes ou imperadores⁴. Observamos, então, uma prática de hospitalidade enquadrada na categoria receber de Camargo (2005) imbricada à ação de dádiva, pois, de acordo com Caillé (2002, como citado em Brusadin & Panosso Netto, 2017, p. 25, grifo nosso), esse jogo relacional consiste “na prestação de [...] bens efetuada sem garantia de retribuição, *com o intuito de criar, manter ou reconstruir vínculo social*”.

Goku rejeita seus próprios impulsos de autopreservação e recebe seu hóspede com uma saudação e um tom amistoso, ao mesmo tempo em que reconhece certa ameaça na presença de

⁴ Informação obtida no Go! Go! Nihon: <https://gogonihon.com/pt/blog/a-arte-da-reverencia-japonesa/>

Bills e seu companheiro, que são, até esse momento, desconhecidos. De acordo com Godoy (2017), apoiada nos estudos de Derrida (2003), a própria palavra hóspede, em latim, significa *hostis*; isso demonstra que aquele que chega já guarda em si, mesmo que etimologicamente, o sentido da ameaça, da hostilidade.

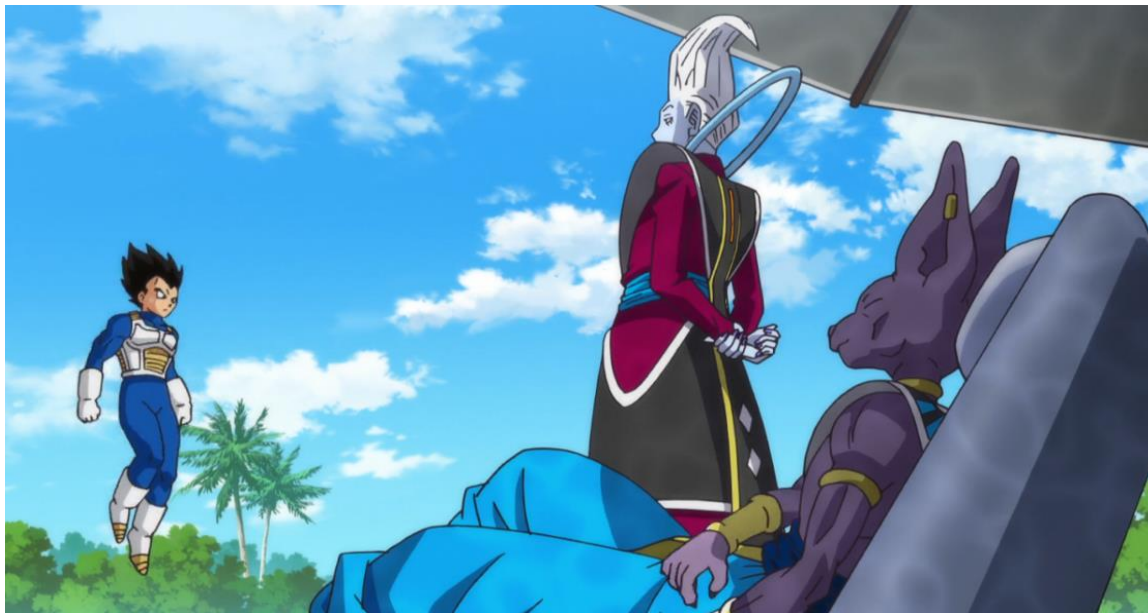
Bills pergunta a Goku se tem informações sobre o misterioso deus super *Saiyajin*. Ele responde que nunca ouviu falar e pede por uma batalha contra o Deus da Destruição. Já de início demonstra todo o seu poder, mas é facilmente derrotado.

Goku busca compreender quem é o visitante que deseja entrar em seu território por meio de uma luta, analisando o seu poder de batalha e potencial periculosidade, um hábito comum de comportamento do personagem. No cotidiano, o conhecer o outro se ligaria ao simples fato de, por exemplo, perguntar o nome, ato que para Derrida (2003) se configuraria como uma atitude hostil.

A hospitalidade consiste em interrogar quem chega? Ela começa pela questão endereçada a quem vem (o que parece bastante humano, amável, supondo-se que falta ligar hospitalidade ao amor [...]): como te chamas? [...] Ou será que a hospitalidade começa pela acolhida inquestionável, num duplo apagamento, o apagamento da questão e do nome? (Derrida, 2003, p. 27).

Até aqui parece evidente, mas reforçamos que entendemos o deus e o anjo como forasteiros (visitantes) e os personagens da Terra como os anfitriões. Chegando ao planeta, Bills encontra Vegeta, príncipe *Saiyajin* que viu seu pai (rei de seu povo) ser humilhado por ele e essa lembrança é resgatada (Figura 2).

Figura 2 - Vegeta, à esquerda, encontra Bills (deitado) e Whis (em pé).



Fonte: Captura de tela do filme de animação *Dragon Ball Z: A Batalha dos Deuses* (2013).

Nesse momento há, pela primeira vez, forte presença do conceito de hostilidade, de acordo com a perspectiva de Jacques Derrida (2003), como aversão ao hóspede. Notamos que, diferentemente de Goku, Vegeta não demonstra qualquer forma de saudação ao seu visitante, que, por sua vez, estava deitado em uma cadeira sem a sua permissão prévia. No entanto, para Montandon (2016, entrevista on-line, s.p.)⁵ o hóspede teria quebrado o pacto da hospitalidade anteriormente.

Receber o estrangeiro é não só aceitar sua diferença, mas também querer que ele respeite os próprios códigos culturais do hospedeiro. Em outras palavras, o convidado também deve respeitar as regras que estabelecem limites para a sua intrusão.

Vegeta, que foi avisado pelo Senhor Kaioh da chegada de Bills, aparentava apreensão, pois já sabia do potencial destrutivo de seu visitante. Na cena em análise, temos objetivado, em Bills, a hostilidade, pelo menos etimologicamente, que todo hóspede carrega consigo. Partindo da teoria maussiana, percebemos no contexto da cena que a hostilidade habita no fato de Vegeta

⁵ Entrevista oferecida por e-mail ao IHU On-line e intitulada como “Hospitalidade, a difícil e necessária dádiva da reciprocidade. Entrevista especial com Alain Montandon”. Disponibilizada por meio do blog Instituto Humanitas Unisinos, da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, em São Leopoldo. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/159-entrevistas/563269-hospitalidade-a-dificil-e-necessaria-dadiva-da-reciprocidade-entrevista-especial-com-alain-montandon>.

recusar iniciar o ciclo “dar-receber-retribuir” com seu hóspede; nega-se, mesmo que implicitamente, o acolhimento, o sacrifício pelo outro e, portanto, a dádiva.

Nessa perspectiva, Camargo (2005) aponta que uma das condições para o receber doméstico é a condição de uma hospitalidade genuína – a hospitabilidade⁶ (Lashley, 2015) – do anfitrião com o seu hóspede. No entanto, para Vegeta, essa forma de hospitalidade não parece ser demonstrada, uma vez que o personagem só o trata bem por conta de seu medo de destruir o planeta Terra. Por outro lado, Bulma, sua esposa, demonstra uma abertura hospitaleira para com o Deus da Destruição, iniciando o ciclo “dar-receber-retribuir” ao convidá-los para a sua festa de aniversário, mesmo sem conhecê-los (Figura 3).

Notamos isso, na Figura 3, por meio da expressão suavizada, com um sorriso amistoso no rosto da personagem Bulma, com uma taça na mão e inclinada na direção dos hóspedes. Sem sequer perguntar suas origens, a moça sente-se feliz com a presença de novos convidados em sua festa. Em contrapartida, seu marido aparece com uma expressão carrancuda, tentando afastar Bulma daquele local.

Figura 3 - Momento em que Bulma, à esquerda com a taça de vinho, conhece Whis e Bills.



Fonte: Captura de tela do filme de animação *Dragon Ball Z: A Batalha dos Deuses* (2013).

⁶ Conceito formulado pelo autor Conrad Lashley, que indica a *hospitabilidade* como uma “[...] disposição das pessoas de serem genuinamente hospitaleiras” para além de qualquer recompensa ou sinal de reciprocidade (Lashley, 2015, p. 72).

Os dois aceitam o convite de imediato por conta do cheiro da comida que vinha da festa. Um fato interessante é a educação que os dois tiveram com Bulma, sendo, inclusive, elogiados por ela, mostrando certa quebra de hierarquia entre os personagens, o que não havia acontecido com nenhum outro do filme até então. Acreditamos que isso foi possível porque vemos o sacrifício de Bulma ao oferecer aos convidados comida e entretenimento – entendendo que ofertar algo de modo gratuito significa, por um lado, perda (Godbout, 1992 apud Brusadin & Panosso Netto, 2017). Além disso, a entrega do dom impõe relações assimétricas entre aquele que doa e aquele que recebe.

Isso resultou em uma continuação da cena com momentos hospitaleiros, com Bulma apresentando os dois aos demais convidados da festa (Figura 4) – que, pelas expressões na imagem, podemos inferir que aparentavam estar gratos pela apresentação.

Bulma acolhe Bills e Whis, tornando-os “de casa”, oferecendo-lhes uma abertura incondicional (Derrida, 2003). A personagem presenteia os forasteiros com alimento, entretendo os convidados de última hora. O Deus da Destruição e seu assistente recebem o dom e ficam gratos por isso, estabelecendo, assim, uma relação de reciprocidade, *a priori*, baseada na troca de afeto. De acordo com Camargo (2004), o modelo da dádiva de Mauss (2003) pode ser observado por meio de trocas mais “simples” – isto é, sem valor monetário envolvido –, que podem se revelar como a oferta de abrigo ou de alimento ou até mesmo tentativas de entreter o hóspede.

Figura 4 - Bulma apresentando Bills e Whis (centro da imagem) aos outros convidados.



Fonte: Captura de tela do filme de animação *Dragon Ball Z: A Batalha dos Deuses* (2013).

Em seguida, iniciam uma série de atividades e brincadeiras, como dança, canto, entre outros. Notamos, com a imagem abaixo, que essas atividades criaram um ambiente agradável entre os participantes do evento, o que se enquadra, de acordo com Camargo (2005), na categoria de “entreter”.

Nessa parte, o filme aborda outras questões que não cabem destacar neste trabalho, mas esses dois pontos são importantes para percebermos a cerimônia de recepção com os visitantes e a aceitação deles com os outros convidados. Na imagem 5, observamos todos dançando com expressões de alegria. Aqui nos parece que há uma aproximação da *omotenashi*, conhecida como hospitalidade japonesa, descrita por Wada (2015).

Figura 5 - Bills (centro da imagem) dançando com os outros convidados.



Fonte: Captura de tela do filme de animação *Dragon Ball Z: A Batalha dos Deuses* (2013).

Trata-se de uma forma de hospitalidade na qual as necessidades e demandas do visitante são feitas “de coração” e, se possível, antecipadas sem que os próprios visitantes as percebam, além de não ser esperado nada em troca (Wada, 2015). Contudo, devido ao processo de orientalismo, já apontado por Said (1990), dificilmente poderíamos afirmar com precisão a existência da *omotenashi*, reservando esse aspecto para um futuro estudo em profundidade.

Kouamé (2011) também reforça que, no processo histórico de construção de formas de hospitalidade no Japão, em certa medida, a própria população local absorveu estereótipos relacionados ao modo de ser cortês, à sobriedade, entre outros. É importante destacar, conforme mencionado pela autora, um aspecto interessante relacionado à construção da hospitalidade: ela floresceu dentro das fronteiras nacionais fechadas, proporcionando uma notável capacidade de receber bem, seja por meio de estruturas institucionais do Estado, figuras religiosas ou pela população local. Esse fenômeno foi amplamente influenciado pelo desenvolvimento da mobilidade no Japão e pela ausência de conflitos armados significativos durante o período Edo.

A outra sequência do filme, que queremos destacar, é o início do jogo de bingo que Bulma organizou para presentear seus convidados (Figura 6). De acordo com a imagem, o ambiente de confraternização continuou, como podemos notar pelos braços para o alto dos personagens e o sorriso da personagem no canto direito.

Figura 6 - Hora do bingo.



Fonte: Captura de tela do filme de animação *Dragon Ball Z: A Batalha dos Deuses* (2013).

Entre os prêmios do bingo estão as Esferas do Dragão, objetos que despertam um dragão mágico ao qual se pode fazer um pedido. No entanto, os personagens percebem que uma das esferas foi roubada por outro, que, em *Dragon Ball* (1984), junto de outros dois companheiros, foi transformado em criança, após um pedido errado feito ao dragão. Por terem uma aparência infantil, mesmo utilizando uma arma de fogo de verdade, Gohan, filho de Goku, acha que faz parte do entretenimento e veste-se como super-herói (roupa que ele usava em *Dragon Ball GT*, animação exibida entre 1996 e 1997) para encenar que estava salvando a todos. Ao desviar e rebater as balas, uma delas atinge sua esposa e outra acerta Bills, que fica irritado e diz que vai destruir a Terra, mesmo o projétil não causando danos. A partir disso, Vegeta intervém fazendo uma dança e chamando a atenção para o bingo como forma de distrair Bills.

Aqui temos três pontos interessantes. O primeiro demonstra o cuidado que o anfitrião precisa ter com os convidados, explicando os limites da sua permanência no ambiente – o que talvez tivesse evitado a encenação feita por Gohan. A segunda também se refere à comunicação com os convidados, avisando-os sobre o que aconteceria no evento. No caso, por se tratar de vários guerreiros reunidos, de fato, uma arma não faria muito efeito neles, mas há também terráqueos na festa, como o caso da esposa de Gohan, que foi logo curada por outro convidado.

O terceiro ponto é a utilização de um novo entretenimento como forma de evitar um ambiente ainda mais desagradável, como Vegeta fez.

Após o bingo, Bills e Whis voltam a comer, até que o anjo pergunta ao Deus da Destruição se conhece uma comida chamada pudim. Contudo, antes de prosseguir, cabe destacar que a comida possui centralidade em vários momentos do filme (Figura 7), não apenas como forma de apaziguamento das tensões, mas também como forma de comunicação entre os personagens, aspecto que foi intensificado ainda mais na série animada televisiva *Dragon Ball Super* (2015).

Na imagem abaixo, podemos observar, ao fundo, Whis acenando com o dedo positivamente para outros dois personagens, nos levando a entender que a comida está agradável. No primeiro plano da imagem, podemos ver Bills comendo e os outros dois observando – um com uma afeição alegre ao vê-lo e uma criança que parece confusa –, podemos inferir que seja pela quantidade grande de comida, mostrada em seguida no filme.

Figura 7 - Bills, à direita, e Whis, ao fundo, comendo.



Fonte: Captura de tela do filme de animação *Dragon Ball Z: A Batalha dos Deuses* (2013).

Camargo (2015, p. 57), ao abordar sobre as dádivas e contradádivas entre o anfitrião e o hóspede, explica que

A comensalidade é o ponto alto da cena. O anfitrião deve oferecer a seu(s) hóspede(s) o que ele tem de melhor, de comida e bebida. Estes, por sua vez, devem confraternizar entre si e proporcionar esta experiência é a maior dádiva do anfitrião.

Embora a cena descrita por Camargo (2015) seja no sentido figurado, ela poderia ser aplicada integralmente à análise do filme. A comensalidade entre os personagens suscita vários momentos de confraternização e troca de saberes, principalmente por parte de Whis, que busca conhecer mais sobre a comida da Terra. Isso reforça a afirmação de Mafessoli (2002), que, ao lembrar das palavras de Plutarco (“a supressão da alimentação é a dissolução da casa”), evidencia que o alimento é vital para formar e manter o elo entre as pessoas.

Entretanto, essa dádiva deve ser compartilhada com todos, caso contrário o elo é quebrado e a hostilidade se instaura, como aconteceu com Bills e Majin Boo por conta do pudim (Figura 8). Nessa passagem, Bills pede para que Majin Boo compartilhe um dos potes de pudim que ele tem sobre a mesa, mas o pedido é negado.

Figura 8 - Bills, à direita, falando sobre o pudim com Majin Boo (de costas).



Fonte: Captura de tela do filme de animação *Dragon Ball Z: A Batalha dos Deuses* (2013).

Na cena temos pela primeira vez a hostilidade se materializando em agressão, o que resulta em uma luta entre os dois personagens (Figura 9). Podemos observar na imagem que as cores utilizadas no cenário, que antes eram vivas, com a presença da natureza, abrem espaço para um tom arroxeadado e mais escuro. Logo ao fim, ambos se preparam para lutar.

Tendo em vista a luta que se seguiria, Vegeta pede a Bills para que não lute, mas todos os outros guerreiros da Terra entram na disputa e perdem facilmente. Entre essas cenas, aparece

Whis comendo *sushis* e outras comidas típicas do Japão, como se fosse um contrabalanço, não somente cômico, mas também do par hostilidade/hospitalidade.

Figura 9 - Começo da luta entre Bills (de costas) e Majin Boo (de frente).



Fonte: Captura de tela do filme de animação *Dragon Ball Z: A Batalha dos Deuses* (2013).

Após todos os guerreiros serem derrotados e Bills se preparar para a destruição de todo o planeta, Bulma surge muito irritada com o Deus por estragar a sua festa de aniversário e bate nele (Figura 10). A irritação de Bulma poderia ser justificada pelo rompimento da tríade da dádiva, em que a moça oferece uma acolhida incondicional e, em retribuição, Bills inicia uma batalha, enquanto a festa acontece, estragando o dia especial.

Figura 10 - Bulma bate em Bills



Fonte: Captura de tela do filme de animação *Dragon Ball Z: A Batalha dos Deuses* (2013).

Em decorrência disso, Bills retribui a agressão à Bulma (Figura 11), despertando a fúria de Vegeta, que o enfrenta novamente, agora com mais intensidade. Apesar do aumento de poder na luta, ele não consegue detê-lo, fazendo com que o Deus da Destruição chame Whis, pois iria destruir o planeta. Contudo, Whis continuava comendo, e até pediu ao cozinheiro para que preparasse uma refeição para a viagem.

Figura 11 - Bills bate em Bulma



Fonte: Captura de tela do filme de animação *Dragon Ball Z: A Batalha dos Deuses* (2013).

Momentos antes de destruir a Terra, Goku aparece, em uma estrutura narrativa que o coloca como uma forma de salvador. Goku torna-se, então, o mediador das tensões, ao pedir que o Deus da Destruição não execute a sua tarefa, pois acredita que o dragão mágico chamado pelas esferas tenha alguma informação sobre o deus super *Saiyajin*. Bills aceita a condição, assim, o dragão é invocado e explica o ritual necessário para transformar um *Saiyajin* em um deus.

O escolhido para a missão é Goku (Figura 12), reforçando a imagem de salvador mencionado anteriormente. Sobre essa frequente narrativa utilizada na produção de *Dragon Ball*, Mínguez-López (2014, p. 29, tradução nossa⁷) explica que tem relação com a religião xintoísta: “Goku é o mais claro exemplo de ‘pureza de coração’ que a doutrina xintoísta também segue”.

Figura 12 - Goku na forma de deus super *Saiyajin*.



Fonte: Captura de tela do filme *Dragon Ball Z: A Batalha dos Deuses* (2013).

Após a sua transformação e o objetivo de Bills ser alcançado, os dois começam a lutar. Ao final, eles conversam de forma amigável, com Bills elogiando Goku, que, mesmo sendo derrotado, poderia, em breve, também se tornar um Deus da Destruição. Visto toda a potencialidade de luta de Goku, Bills resolve não destruir a Terra e se desculpa por toda a confusão causada à Bulma, além de pedir desculpas por ter batido nela. Aqui se faz necessário

⁷ “Goku is the clearest example of ‘purity of heart’ that the Shinto doctrine also pursues.” (Mínguez-López, 2014, p. 29).

salientar que, diferentemente de Goku, Bulma não faz parte de um grupo de guerreiros, o que torna a agressão muito intensa para o filme. No entanto, ela é atenuada pela narrativa da luta contra Goku. Assim, Bills segue e pede para ser convidado novamente para outra festa. Bulma responde que só se eles prometerem se comportar. Eles aceitam a condição imposta pela anfitriã, que promete uma “piscina de pudim”. Por fim, os visitantes voltam para o seu planeta, onde o deus pode saborear uma comida nova com *wasabi*. Enquanto, na Terra, a festa continua.

Observamos que, uma vez rompido o ciclo dar-receber-retribuir, inaugura-se a hostilidade. Embora, de acordo com a teoria de Derrida (2003), as tensões hostis tenham se iniciado, na verdade, quando Goku tenta saber quem são os forasteiros, por meio de uma luta. Bulma e seus convidados recebem o Deus da Destruição, sem saber quem, de fato, ele é, oferecendo-lhe tudo o que está ao seu alcance. O hóspede, por outro lado, quebra o ritual na tentativa de destruir o lar de quem o recebeu – o planeta Terra. A resposta para essa quebra de relações pautadas na entrega de dádivas é a violência.

Ao final, Bills e toda a hospitalidade com que foi recebido somam positivamente na desistência do Deus em destruir o planeta. Isso é demonstrado na forma de gratidão pela comida, pela hospedagem e pelo entretenimento oferecidos por Bulma. Retomamos, assim, a Voltaire (2000), que nos fala sobre a tolerância – no sentido da abertura ao outro – como um ato capaz de parar guerras e conflitos. Para o filósofo iluminista, é necessário considerar todos os homens como irmãos e, assim, Bulma o fez. Acolheu e entregou a um Deus da Destruição um dom. Só desse modo o final dessa história pôde ser feliz.

5 Conclusão

Este trabalho buscou identificar as representações e práticas de hospitalidade, bem como a hostilidade, no filme de animação *Dragon Ball Z: A Batalha dos Deuses*. Para isso, identificamos formas convencionais de hospitalidade em que os personagens recebem, alimentam e entretêm o Deus da Destruição e seu ajudante, demonstrando respeito, acolhimento e amizade. Contudo, Bills manteve uma postura divina, permanecendo indiferente às convenções estabelecidas para a hospitalidade. A relação estabelecida foi verdadeiramente análoga à devoção divina, demonstrando a aura sagrada da dádiva. Porém, a comida, especialmente os doces, revelou-se como um instrumento dadivoso capaz de quebrar a hierarquia e manter a harmonia

entre os personagens. Nesse sentido, não é sem motivo a reação de ira do Deus diante da situação em que seu doce é consumido por outra pessoa, sendo uma quebra das normas de hospitalidade recém estabelecidas.

É importante ressaltar um aspecto subjetivo ambíguo da própria hospitalidade que é o embate entre os personagens. A luta entre eles pode ser interpretada como uma forma de hospitalidade, uma vez que a demonstração de poder e habilidade é uma maneira de receber e interagir com o visitante de forma única, conhecendo seu poder de luta e sua história. Nesse contexto, a batalha entre as personas assume um papel relevante na dinâmica da hospitalidade, mostrando como esse fenômeno pode se manifestar de maneiras diversas e não convencionais. A luta proporcionou, mais do que as outras práticas de hospitalidade, o verdadeiro reconhecimento entre os guerreiros e uma amizade que foi explorada na saga lançada após os eventos desse filme.

Acreditamos que a nossa discussão se aproximou do trabalho de Andrade (2013), em que o autor aponta que a hospitalidade acontece antes do encontro entre anfitrião e hóspede, bem como nas relações entre eles.

No entanto, o filme deixou mais nítida a relação entre um potencial inimigo, personificado na figura de um Deus da Destruição, e quem o recebe. Mesmo assim, há momentos hospitaleiros e hostis por parte dos dois grupos, apresentando que essas categorias são uma linha tênue que se complementam a depender da situação.

Nesse ponto parece convergir a ideia taoísta de *yin* e *yang* na construção das relações entre os grupos. Pois a visão Ocidental, mesmo recebendo um potencial inimigo, como é o caso de Bills, haverá a desconfiança com o hóspede, dificultando um acolhimento incondicional. Já com a visão oriental taoísta, em que há um mal dentro do bem e um bem dentro do mal, se concebe, de antemão, que não se trata de uma visão dualista, mas complementar. Um aspecto que é explicado na série, feita posteriormente ao filme, é que o dever de um Deus da Destruição é manter o equilíbrio do universo, com a ajuda de seu anjo ajudante.

Notamos também a limitação da metodologia utilizada por Leite (2016) relacionada à teoria de Camargo (2005), quando aplicada a filmes, para a elaboração do quadro referencial. Pois, justamente por se tratar de imagens em movimento em que as relações interpessoais acontecem de maneira mais complexa, poderíamos deixar de fora pontos importantes ao tentar

encaixar os fenômenos da hospitalidade e hostilidade nas categorias propostas por Camargo (2005). Isso porque, como vimos, principalmente na análise da Figura 12, pode nascer algum tipo de amizade, de companheirismo ou, até mesmo, de tolerância, após os momentos de hostilidade – como aconteceu com Bills e, em outros momentos da franquia, com Majin Boo e Vegeta, que eram inimigos. Para tanto, o paradigma da dádiva apresentou-se como uma possibilidade interessante para desvelar signos não tradicionais.

Indicamos como continuidade desta pesquisa investigar os efeitos de sentido que essa produção – e outras – da cultura *pop* japonesa desenvolvem em seus espectadores. Dessa forma, sugerimos, como hipótese, que se trabalhe com a ideia de que a narrativa fílmica pode fornecer um modelo de conduta em torno do par hospitalidade/hostilidade. Isso demonstraria em que termos de projeção e identificação o público alvo agencia esses valores, completando o círculo hermenêutico, na terceira *mimese*, a que Ricoeur (1994) se refere como forma de contribuição aos estudos culturais e midiáticos.

6 Referências

- Andrade, D. A. C. (2013). A hospitalidade nos sertões de “Cordel Encantado”. *Revista Hospitalidade*, 11(2), 234-248. <https://www.rev Hosp.org/hospitalidade/article/view/512>
- Brusadin, L. B.; Panosso Netto, A. (2017). O sacrifício e o espírito das coisas perante o dom e a hospitalidade: (des)entendimentos científicos. In L. B. Brusadin (Org.). *Hospitalidade e dádiva: A alma dos lugares e a cultura do acolhimento* (pp. 23-42). Editora Prismas.
- Caillé, A. (1998). Nem holismo nem individualismo metodológicos: Marcel Mauss e o paradigma da dádiva. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 13(38), 5-38. <https://doi.org/10.1590/S0102-69091998000300001>
- Camargo, L. O. de L. de. (2005). *Hospitalidade* (2a ed). Editora Aleph.
- Camargo, L. O. de L. de. (2008). A pesquisa em hospitalidade. *Revista Hospitalidade*, 5(2), 15-51. <https://www.rev Hosp.org/hospitalidade/article/view/151/176>
- Camargo, L. O. de L. de. (2015). Os interstícios da hospitalidade. *Revista Hospitalidade*, 12 (número especial), 42-70. <https://www.rev Hosp.org/hospitalidade/article/view/574/643>
- Carvalho, A. de C. & Sant’anna, G. C. A. (2013). A tríplice mimesis como inspiração metodológica para a análise de produtos culturais. *Comunicação e Sociedade*, 35(1), 227-250. <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/CSO/article/view/3747>
- Derrida, J. (2003). *Anne Dufourmantelle convida Jacques Derrida a falar da Hospitalidade*. Editora Escuta.

- Durkheim, E. (2007). O que é um fato social? In E. Durkheim. *As regras do método sociológico*. (pp. 1-13). (2a ed). Martins Fontes.
- Gil, A. C. (2008). *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*. Editora Atlas S.A.
- Godoy, K. E. & Leite, I. S. (2019). Turismo e fotografia: um estudo bibliométrico sobre o uso de metodologias de análise da imagem nas pesquisas em turismo. *Revista Brasileira De Pesquisa em Turismo*, 13(3), 71–91. <https://doi.org/10.7784/rbtur.v13i3.1573>
- Godoy, K. E. (2017). Museus hostis, turistas hostis: Controvérsias e caminhos da hospitalidade em instituições museológicas sob uma abordagem derridariana. In L. B. Brusadin (Org.). *Hospitalidade e dádiva: A alma dos lugares e a cultura do acolhimento* (pp. 261-280). Editora Prismas.
- Gotman, A. (2013). Entrevista com Anne Gotman concedida a Marie Raynal. *Revista Hospitalidade*, 10(1), 146-157. <https://www.rev Hosp.org/hospitalidade/article/view/515/534>
- Joly, M. (2012). *Introdução à análise da imagem* (14a ed). Editora Papirus.
- Kant, I. (2017). *À paz perpétua*. L&PM Editores.
- Kouamé, N. (2011). O Japão dos Tokugawa: Tōkaidō, Ise, Shikoku (do século XVII ao XIX). In A. Montandon (Org.). *O livro da hospitalidade: acolhida do estrangeiro na história e nas culturas* (pp. 269-285). Editora Senac São Paulo.
- Lashley, C. (2015). Hospitalidade e hospitabilidade. *Revista Hospitalidade*, 12(número especial), 70–92. <https://www.rev Hosp.org/hospitalidade/article/view/566>.
- Leite, I. da S. (2016). *Hospitalidade em Museus: o olhar fotográfico do turista sobre o Museu Histórico Nacional (RJ) durante os Jogos Olímpicos Rio 2016*. (Trabalho de conclusão de curso). Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ, Brasil. <https://app.uff.br/riuff/handle/1/4800>
- Lévinas, E. (2005). *Entre Nós: Ensaio sobre Alteridade* (2a ed). Editora Vozes.
- Maffesoli, M. (2002). Mesa, espaço de comunicação. In C. M de M. Dias (Org.). *Hospitalidade: reflexões e perspectivas* (pp. 131-136). Editora Manole.
- Malinowski, B. (1998). As características essenciais do Kula. In B. Malinowski.. *Argonautas do Pacífico Ocidental* (pp. 71-86). Coleção Os pensadores. Editora Abril.
- Marcelino, G. K. & Camargo, L. O. de L. (2017). Dimensões teóricas da noção de hospitalidade. In L. B. Brusadin (Org.). *Hospitalidade e dádiva: A alma dos lugares e a cultura do acolhimento* (pp. 28-43). Editora Prismas.
- Mauss, M. (2003). Ensaio sobre a Dádiva: Forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. In M. Mauss. *Sociologia e Antropologia* (pp. 185-193). Cosac & Naify.
- Mínguez-López, X. (2014). Folktales and Other References in Toriyama's Dragon Ball [Contos populares e outras referências em Dragon Ball de Toriyama]. *An Interdisciplinary Journal*, 9(1), 27-46. <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/1746847713519386>

- Montandon, A. (1999). Mythes et représentations de l'hospitalité. In A. Montandon (Coord.), *Mythes et représentations de l'hospitalité*, Clermont-Ferrand, Presses Universitaires Blaise Pascal, p. 11-21, 1999.
- Montandon, A. (2016, 10 dezembro). Hospitalidade, a difícil e necessária dádiva da reciprocidade. Entrevista especial com Alain Montandon. *Instituto Humanitas Unisinos*. <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/159-entrevistas/563269-hospitalidade-a-dificil-e-necessaria-dadiva-da-reciprocidade-entrevista-especial-com-alain-montandon>.
- Ricoeur, P. (1994). *Tempo e narrativa (tomo I)*. Papyrus.
- Said, E. W. (1990). *Orientalismo: O Oriente como invenção do Ocidente*. Companhia das Letras.
- Tominaga, Rioko & Shimizu, Shinji & Bogdan, Gyarmath (Produtores) & Hosoda, Masahiro (Diretor). (2013). *Dragon Ball Z: A Batalha dos Deuses*. Tóquio: Toei Animation.
- Voltaire. (2000). *Tratado sobre a tolerância*. Editora Escala.
- Voltaire. (2008). *Dicionário filosófico*. Tradução de Ciro Mioranza e Antonio Geraldo Silva. São Paulo: Editora Escala.
- Wada, E. K. (2015). Omotenashi: tradição de hospitalidade a serviço da competitividade. In *Anais do XII Seminário da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo (ANPTUR)*. (pp. 1-13). <https://www.anptur.org.br/anais/anais/files/12/64.pdf>

Artigo recebido em: 01/03/20123.

Avaliado em: 07/08/2023.

Aprovado em: 20/10/2023.